
COERCIBILIDADE CONCEITUAL, CONSCIENTIZAÇÃO E A POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO DE REDES DE RESISTÊNCIA À OPRESSÃO ESTRUTURAL: A MORTE DE UMA GALINHA OU O NASCIMENTO DE UMA HEROÍNA LIMINAR?

Rick J. Santos¹

Resumo: Trata-se de um artigo que parte do conto “Uma Galinha”, de Clarice Lispector, para pensar e colocar em discussão a coerção conceitual, a conscientização e a possibilidade de resistências à opressão estrutural. A busca por liberdade de uma galinha que foge num “vôo estranho” é tomada como uma forma de escapar do papel doméstico, socialmente construído e imposto a ela pelos laços (ou nós) patriarcais que prendem as mulheres em papéis rígidos e subservientes de feminilidade e docilidade materna. Nesse sentido, o artigo propõe que o primeiro passo para qualquer interessado em criar possibilidades liberatórias e redes de conexões entre Sujeitos-Resistentes seria adotar uma ruptura com os valores e as limitações impostos pelos processos de coerção conceitual da matriz/lógica/realidade de opressão estrutural heteronormativa.

Palavras chaves: Coerção conceitual. Conscientização. Resistência. Clarice Lispector.

O ativismo acadêmico feminista deu uma importante contribuição para “a compreensão objetiva” do mundo ao identificar a relevância do gênero nos processos de construção epistemológica e cognitiva do conhecimento e da realidade. Além disso, a pesquisa empírica feminista levantou questões sobre a incomensurabilidade da diferença entre a realidade e a percepção humana dela.

Em seu discurso na Primeira Conferência Nacional de Aerozoças pelos Direitos da Mulher, em 1973, Kathie Sarachild argumentou que, por meio da CONSCIENTIZAÇÃO, é possível reinterpretar a experiência humana e, assim, transcender os limites e as fronteiras impostos pela lógica heteropatriarcal dominante.

Essa transposição, ou *viagem entre mundos distintos* (veja Lugones, 2003) requer um deslocamento no plano conceitual e não no espacial, que torne possível a criação daquilo que a filósofa lésbica Sarah Hoagland denominou como “*separatismo conceitual; ou seja, [a criação] de espaços que operam sob uma lógica distinta (em alguns aspectos, incomensuráveis com) do paradigma dominante*” (HOAGLAND, 1988, p.13).

Compreender e validar o *separatismo conceitual* como uma opção e estratégia viável, uma estrutura conceitual híbrida através da qual novas maneiras epistemológicas de ação, individual e coletiva, possam emergir, é um movimento tático-estratégico essencial de deslocamento para que,

¹ Professor Titular no Departamento de Inglês e Literaturas, na State University of New York at Nassau College.
E-mail: Ricardo.Santos@ncc.edu

assim, possamos criticar o conceito pós-moderno de *agenciamento* e, então, propor "*a possibilidade de um novo conceito teórico-prático de resistência à opressão estrutural a partir de uma posição subalterna*" (LUGONES, 2003, p. 207).

Para compreender e apoiar práticas de *resistências-sob-opressão* (ver HOAGLAND, 1988), é importante conceituar e desmascarar o processo histórico-específico de *coerção conceitual*.

Com base no argumento de que todo sujeito é construído por procedimentos disciplinares e por discursos profissionais, teóricos pós-modernos, como Michel Foucault, levantam sérias questões sobre a possibilidade da existência de qualquer espécie de força de resistência à opressão estrutural que não tenha o próprio sistema como origem e, assim, conseqüentemente, toda ação ou movimento de resistência estariam fadados a reforçar e validar tais discursos.

De acordo com essa lógica dominante de opressão estrutural, a *diferença* é sempre patologizada como um desvio do padrão original. As intenções e o agenciamento dos sujeitos-resistentes à lógica da opressão são reinterpretadas, reduzidas e cooptadas como atos de loucura, animalização, criminalidade etc.

Como tal, a resistência é reabsorvida pelo sistema como parâmetros de normalização ou como táticas de intimidação para manter os sujeitos resistentes neutralizados e aprisionados dentro do universo das normas e limites estabelecidos pelo sistema, que dividem os sujeitos rebeldes e isolam uns dos outros, como os habitantes das celas da prisão do sistema do Panóptico, idealizado por Jeremy Bentham (FOUCAULT, 1995).

Neste artigo, argumento que, como mulher, judia e, possivelmente, lésbica, a escritora brasileira Clarice Lispector compreendeu que a COERÇÃO CONCEITUAL é um instrumento poderoso no processo de manutenção da opressão estrutural.

A coerção conceitual é capaz de apagar a visibilidade da existência de movimentos de resistência e de sabotar a possibilidade de formação de frentes de resistência e coalisões entre grupos subalternos. Ciente dos limites impostos pelo discurso dominante hetero-patriarcal ao seu local de fala subalterno, Lispector luta com o dilema de como empregar a língua dominante para transcender os limites de representação do *Outro* – o sujeito NÃO branco, masculino, heterossexual – como sujeitos, necessariamente, subalternos ou, de alguma maneira, inferiorizados.

Diversos pesquisadores indicaram que muitas das escolhas literárias e estilísticas de Lispector foram influenciadas por seu interesse na pergunta ontológica sobre *qual é o significado de ser mulher/fêmea* e por um desejo de *romper com os confinamentos sociais impostos*:

Ouve-me. Ouve meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa (...)
Capta essa coisa de que na verdade falo porque eu mesma não posso. (LISPECTOR, [1973] 1998, p. 28).

Seus textos são frequentemente uma chamada para estabelecer uma relação de compreensão e uma conexão com o *Outro* – seja este um corpo, um texto, ou dilema social. Entretanto, a menos que nós, como Sujeitos-Resistentes, possamos romper com os paradoxos de confinamentos conceituais impostos pela lógica hetero-patriarcal, não seremos capazes de fornecer o suporte necessário para que sua voz e intenções resistentes ganhem sociabilidade e significância coletiva.

Em "Uma Galinha", o terceiro conto em *Laços de Família* (1960), por exemplo, o leitor é intimado a testemunhar o grito de protesto silencioso de Lispector e seu clamor por companhia na solitária cruzada pela liberdade de uma galinha num "vôo estranho" para escapar do papel doméstico, socialmente construído e imposto a ela pelos laços (ou nós) patriarcais que prendem as mulheres em papéis rígidos e subservientes de feminilidade e docilidade materna.

Logo no começo da história, somos apresentados à personagem de gênero feminino à beira de sua aniquilação, ou consumo, pela família nuclear, hetero-patriarcal (uma cena cotidiana da vida doméstica):

Era uma galinha de domingo. Ainda viva, porque não passava de nove horas da manhã. Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava pra ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio. (LISPECTOR, [1960] 1996, p. 185).

A prática de relacionar mulheres a animais, embora não seja nova, ainda é muito atual². É, entretanto, significativo ressaltar a especificidade de gênero do animal a ser consumido pela família: Lispector não fez referência ao frango ou galeto de domingo, mas sim a uma galinha. Além disso, *galinha*, além de apontar para um animal de gênero feminino, é também uma expressão comum e vulgar para se referir a mulheres não respeitáveis e sexualmente livres, quiçá não recatadas, nem belas, tampouco "do lar".

A primeira linha da história informa ao leitor que essa *galinha* deve ser sacrificada para saciar as necessidades e o apetite da família nuclear hetero-patriarcal. O que, a princípio, parece ser uma cena pacífica e harmoniosa de felicidade doméstica (um almoço de domingo com a família)

² Por exemplo, é comum referir-se a mulheres como gatas, cachorras, vacas etc., com conotações tanto negativas quanto positivas. Não é nosso objetivo aqui discutir se existe ou não possibilidades de reapropriação linguística de palavras/rótulos estigmatizadores por grupos subalternos com objetivo de redefinição de valores culturais, como argumentado por certos setores de movimentos de contra-cultura, tal qual o Black Power nos EUA na década de 60. Meu ponto é que essa prática, independentemente de suas intenções, ainda é amplamente difundida em nossa cultura contemporânea e que esses termos, quando usados de forma negativa para mulheres, geralmente, têm um cunho sexual degradante. Observe, por exemplo, o significado da comparação quando chamamos uma mulher de "cachorra" ou "vaca" e quando chamamos um homem de "cachorro" ou "touro".

rapidamente se transforma em caos doméstico (uma cena de perseguição e caça a rebeldes fúgitivos). Para a surpresa de todos, no momento preciso da constrição e do sacrifício individual, o sujeito-feminino rebela-se e tenta escapar de seu papel predestinado à passividade e subordinação ao desejo do patriarca. A galinha abandona seu papel (*de comida*) para transformar-se em sujeito-agente de sua própria história de resistência e de autopreservação:

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou – e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num ora noutra pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé (LISPECTOR, [1960] 1996, p. 185).

As ações da galinha marcam uma ruptura com uma longa história de aceitação passiva da subjugação socialmente atribuída à sua classe. Entretanto, prejudicada por uma falta de tradição e história de resistência organizada à opressão estrutural, a tentativa de enfrentamento heroico da galinha foi facilmente sufocada e suas ações neutralizadas:

Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa, o grito de conquista havia soado. Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. As vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre [...]

(...)

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência (LISPECTOR, [1960] 1996, pp. 185-186).

Em sua análise perspicaz de *Laços de Família* (2006), a pesquisadora Marta Peixoto argumenta que:

Na maioria das histórias, um narrador discreto fornece o olhar que enquadra os personagens (...) Em "Uma Galinha", uma história que repete o enredo da fuga fracassada dos papéis confinantes de domesticidade e submissão, as limitações do papel feminino tomam um aspecto nítido de caricatura. A protagonista (...) escapa de seu destino partindo em uma fuga louca pelos telhados [mas logo é] perseguida e trazida de volta pelo homem da casa, a galinha afobada, então, põe um ovo (...) [No final] a aquisição um "laço de família" põe um fim a [sua] aventura. [Tornar-se maternal,] literalmente salva a sua vida, mas não lhe dá dignidade duradoura ou mesmo segurança. Seu perdão temporário dura muitos anos, mas não para sempre: "até um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se os anos." (PEIXOTO, 1994, p. 36)

Para Peixoto, em face a uma falta de tradição de modelos de rebelião de sucesso, o que aponta à conclusão de que não há uma escapatória ou nenhuma possibilidade de realidade além da matriz hetero-patriarcal, a única opção de resistência para a protagonista feminina seria recorrer às táticas subversivas no rol daquelas prescritas (e ultimamente reafirmatórias) pelo sistema de dominação estrutural hetero-patriarcal.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, a galinha corria e ofegava, muda e atenta (...) parecia tão livre. Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como um galo em fuga. O que é que havia em suas víceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista (LISPECTOR, [1960] 1996, p. 186).

O ato de rebeldia da fuga é descrito como "estúpido" e "tímido." A fim de preservar sua vida, em um contexto onde escapar, através da separação da predação e do domínio hetero-patriarcal, não é uma opção viável, a galinha é forçada a resignar-se ao papel social de cuidados do lar atribuído às fêmeas: a maternidade, que, sob os códigos hierárquicos de dominação hetero-patriarcal, parece ser uma de poucas fontes que concedem às mulheres alguma forma de poder, inclusive o direito à proteção: "Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!" (LISPECTOR, [1960] 1996, p. 186).

Pela lógica hetero-patriarcal, a resistência é sempre reinterpretada nos limites das possibilidades da lógica de poder dominante, nesse caso, a heteronormatividade. A resistência nunca é apresentada ou conceituada como uma força autônoma guiada por uma fonte ou lógica independente.

Na matriz da lógica dominante, a resistência à dominação estrutural é sempre concebida como uma reação e nunca como uma fonte alternativa de poder e energia independente da lógica dos sistemas estruturais de poder que fixa hierarquias e normas.

O sujeito que resiste à dominação estrutural, o rebelde, está sempre fixado e condenado a reagir a partir de uma posição de subalternidade no sistema.

A leitura de Peixoto da resistência feminina da Galinha, por exemplo, reduz e fixa suas origens no sistema hetero-patriarcal que, como pontuou Foucault, acaba, sempre, por cooptar e/ou desmontar qualquer tentativa de oposição. De acordo com Peixoto, as táticas da resistência das personagens femininas de Lispector (tais como a escapada da Galinha) podem ocasionalmente fornecer:

momentos de crise (...) que movem a consciência das personagens, sem jamais simplificar seus dilemas em termos inequivocamente racionais. Depois dessas [breves] crises, quando o reconhecimento de suas restrições dá às protagonistas um vislumbre de maior liberdade, muitas recuam, retornando a um confinamento do

qual não podem ou não querem transformar ou escapar. A intensidade de seus conflitos pode ser esclarecedor ou libertador para o leitor [despolitizado], mas as personagens retornam a suas situações anteriores, as quais elas questionaram, somente, por um breve momento (PEIXOTO, 1994, p. 26).

Entretanto, o que Peixoto e os críticos pós-modernos não percebem é que, ao reduzir a resistência feminina à opressão, nesse caso a resistência protagonizada pela ação de fuga da Galinha, ao contexto hetero-patriarcal, nos tornamos presas das estratégias de COERÇÃO CONCEITUAL da lógica dominante, que buscam apagar qualquer tipo de ações ou práticas de resistência que contestam o seu monopólio de determinar aquilo que tem legitimidade no mundo real.

Na história de Lispector, por exemplo, as ações (ou omissões) de resistência da Galinha – primeiro a fuga, depois o olhar acusatório e petrificador, como o de Medusa, diretamente nos olhos de seu assassino (ao realizar uma função biológica "natural de sua espécie") – são reinterpretadas e reduzidas ao ato de botar um ovo como um presente para a família (um clamor de parentesco ou suborno de resgate por sua vida de mãe).

Esse tipo de leitura apaga a significância da resistência à opressão estrutural, reduzindo-a à relação/reação de subalternidade do oprimido com o seu opressor. Nesse caso, a resistência da Galinha é reduzida a um instinto, supostamente natural, de uma mãe que defende sua prole.

O ato de resistência autônoma de "decidir por si mesma os caminhos que ela deve seguir" (LISPECTOR, [1960] 1996, p. 185) é reduzido a uma reação simples e instintiva (função reprodutiva de pôr um ovo), ou a uma tentativa desesperada e, necessariamente, fracassada, de escapar do sistema de opressão estrutural hetero-patriarcal.

Entretanto, incapaz de escapar por "oposição" e/ou por "separação," a Galinha é forçada a (re)agir a partir da aceitação de uma posição subalterna a ela imposta, ou seja, ela se vê obrigada a reinventar sua identidade, negociando resistência apesar das forças de opressão estruturais que restringem suas ações. Para os sujeitos resistentes subalternizados, torna-se necessário criar redes de fuga do sistema.

Somente ao desempenhar de maneira subversiva a posição, aparentemente passiva, de mãe cuidadora/protetora, a Galinha é capaz de forçar o patriarca a desistir de seu papel predatório e assumir um outro papel, de protetor:

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente (...) O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão, `se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!' (LISPECTOR, [1960] 1996, p. 186).

Esta é uma posição altamente perigosa, que deixa os Sujeitos-Resistentes e suas ações determinadas e, em última análise, acessíveis ao controle de seus opressores onipotentes.

Como um leitor feminista, me sinto insatisfeito com esse tipo de leitura reducionista (mesmo quando bem-intencionada, como no caso de Peixoto) que vê o sujeito feminino/Outro apenas na medida em que ela existe nos moldes de sentidos e definição hetero-masculino dominante.

Essa abordagem reconhece a resistência feminina à opressão estrutural *somente* quando o ato de resistência é considerado legítimo no campo estrutural do sistema de opressão – neste caso, a (re)ação do sujeito resistente subalternizado é reduzida a uma súplica de misericórdia por sua vida.

A ação subversiva autônoma – fugir e desafiar sua sentença de morte – é apagada e distorcida pelo ato de pôr um ovo, que por sua vez pode ser cooptado como tendo sido uma ação *causada por e dirigida ao* opressor, perdendo, assim, sua origem autônoma e subversiva:

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro (...) O pai, de vez em quando, ainda se lembrava. 'E dizer que *eu a obriguei a correr* naquele estado!' (LISPECTOR, [1960] 1996, p. 187. Grifo nosso).

Parte da maneira pela qual os sistemas hegemônicos de dominação se mantêm é tornando qualquer tipo de resistência invisível, irracional e até mesmo inconcebível.

Conforme os ensinamentos de Foucault, qualquer prática de resistência não proveniente do sistema é reenquadrada como estúpida, insana, infantil, criminosa, irracional ou totalmente sem sentido. Assim, por exemplo, uma empregada doméstica que quebra uma sopeira antiga seria vista somente como bruta e desajeitada. Nunca se atribui à sua ação a possibilidade de um ato de vontade rebelde, abafando em silêncio e apagando as ações de resistência de quem desafia a exploração das trabalhadoras domésticas dentro de um contexto de opressão estrutural, onde a insurreição direta não é possível.

A matriz conceitual incomensurável, em que trabalhadores domésticos mal pagos quebram objetos caros (de valor comercial e/ou sentimental) como atos de sabotagem, desaparece e perde seu potencial subversivo que poderia ganhar corpo coletivo. A negação da possibilidade do ato como vingança por exploração trabalhista é uma forma de desqualificação do ato de resistência através de sua resignificação como ato de estupidez que acaba por neutralizar seu potencial subversivo.

Embora eu admire a leitura afirmativa e atenta de Peixoto sobre a existência de resistência dentro do sistema de opressão estrutural, minhas próprias inclinações radicais feministas-LGBTQ+ e separatistas vão contra sua análise, ou lógica, heterocêntrica.

Acredito que sua interpretação do conto de Lispector, em outros aspectos brilhante, não confronta a questão da COERÇÃO CONCEITUAL hetero-patriarcal, que reduz o desejo feminino à heteronormatividade e, conseqüentemente, é inadequada para analisar atos de resistência à opressão estrutural.

A análise de Peixoto reduz as intervenções e "infrAÇÕES" de resistência veladas ao sentido simplório e/ou marginal a ela atribuído pela lógica da opressão estrutural, que visa descredibilizar e desmantelar qualquer possibilidade de resistência eficaz à sua superestrutura de domínio absoluto. Não é surpreendente que, em suas leituras da resistência feminina nas histórias de Lispector, em última análise, Peixoto conclua que:

As protagonistas em *Laços da Família* seguem uma trajetória circular com um começo e um fim marcados pela pacividade (...) Uma vez que a conscientização despertada por momentos de epifânicas se desmaterializa e, a única forma de poder feminino encontra-se transmitido de uma geração a outra na forma de um amor maternal aprisiona as mulheres à sua prole (PEIXOTO,1994, pp. 32-33).

Para Peixoto, a conscientização que leva ao autoconhecimento, ao empoderamento e à emancipação plena e permanente dos sujeitos subalternizados é impossível.

É exatamente nisso que a COERÇÃO CONCEITUAL heteropatriarcal quer que acreditemos: que não há realidade ou fuga da matriz heteronormativa. A legitimidade da realidade patriarcal heteronormativa obscurece a maneira pela qual ela é produzida, naturalizando os dogmas que sustentam a sua fundação (o mito da naturalidade biológica do amor materno, ou da inferioridade física e psíquica da mulher, por exemplo).

Mas o que é a realidade heteropatriarcal compulsória e como podemos transcende-la?³

Neste artigo, gostaria de propor que o primeiro passo para qualquer interessado em criar possibilidades liberatórias e redes de conexões entre Sujeitos-Resistentes seria adotar uma ruptura com os valores e as limitações impostos pelos processos de coerção conceitual da matriz/lógica/realidade de opressão estrutural heteronormativa.

É preciso adotar uma política/estratégia de resistência radical que seja anti-machista, mas também anti-racista, anti-classista, anti-heteronormativa e anti-escludente em sentido amplo. Quero sugerir que, em vez de focar na questão da ação/agência de resistência feminina/feminista em contextos hetero-patriarcais (no caso do conto aqui analisado, a família tradicional nuclear),

³ De acordo com Marilyn Frye,

A realidade é aquilo que é.

A palavra inglesa 'real' deriva do Latim, mais tarde de uma palavra francesa que tinha o significado *realeza*, ou pertencente ao rei.

'Real' em espanhol significa *real*.

A propriedade real é aquela que é própria do rei.

A propriedade real (ou imobiliária) é a propriedade que pertence ao rei.

A realidade é aquilo que pertence a quem está no poder, é aquilo sobre o qual ele tem poder, é seu domínio, seu estado, é próprio ou propriedade Dele.

O rei ideal reina sobre tudo aquilo que encontra-se ao alcance de seus olhos. Os Olhos DELE O que ele não pode ver não é real (do rei), não é real (realidade).

Ele vê o que é apropriado para Vossa Majestade.

Ser real é ser apropriado ao rei (FRYE, 1983, p. 155).

devemos investigar a questão da DOMINAÇÃO CONCEITUAL hetero-patriarcal (seus dogmas, genealogia, mitologias, suportes institucionais) na história da resistência feminina/feminista à subjugação.

Essa manobra conceitual permitirá uma melhor avaliação das realizações, conquistas e até mesmo dos fracassos dos movimentos de Resistência à opressão estrutural de gênero, raça e classe de uma maneira mais realística do que da forma “objetiva” e racional que leva em conta as possibilidades múltiplas (não somente as “reais”) de subversão dos sistemas estruturais de opressão vigentes.

Para concluir, quero propor que, enquanto se argumentar somente em prol de práticas de resistência legitimadas pela lógica de opressão que estrutura o sistema social vigente, cedo ou tarde, qualquer proposta de mudança ou de inclusão de diversidade vai se confrontar com uma parede de tijolos, impossível de se atravessar.

Grupos de resistência à opressão estrutural continuarão “divididos e conquistados.” A fim de dar voz aos Sujeitos-Resistentes subalternizados e desenvolver a habilidade de escutar os silêncios impostos pelas estruturas institucionalizadas de opressão, é preciso quebrar os limites e atravessar a fronteira dos contextos arbitrados pelos sistemas de exclusão para, assim, criarmos campos alternativos de significação, onde grupos de sujeitos marginalizados possam desenvolver alianças políticas plurais de resistência à opressão estrutural.

Essa manobra tática, como afirmado anteriormente, é uma proposta de mudança conceitual que permite a formação de frentes, ou movimentos de resistência, com base na *diversidade*. Em vez de procurar lugares utópicos de liberdade onde a resistência individual/super-heróica possa florescer na ausência de forças e estruturas opressivas ou da criação de grupos homogêneos, sair do domínio da lógica da opressão e da COERÇÃO CONCEITUAL imposta pelo sistema estrutural de dominação heteropatriarcal é uma manobra tática e política necessária para apoiar e fortalecer o leque diverso de práticas de resistências à opressão estrutural de gênero-raça-classe e para criar redes de fuga.

Acredito que, para avaliar a eficácia dos movimentos de resistência coletiva sem esmagar a diversidade, é preciso focar nas criações de possibilidades de construção de redes de fuga radicais e alternativas emancipatórias, e não nos contextos de opressão e nas relações dos sujeitos subalternizados com o opressor comum.

Ou seja, ao invés de focarmos nas ações da Galinha na relação dela com o Patriarca, ou chefe da família, sugiro que voltemos nosso olhar para outros laços formados em suas relações com o mundo das fêmeas (a menina, que intercedeu para sua vida; as outras galinhas antes das gerações anteriores à sua, cujo apoio e exemplo de resistência ela não pode encontrar; assim como galinhas

da futura geração, para quem ela tornou-se uma pioneira/mártir capaz de por fim a uma longa história de passividade).

Uma vez que abandonamos o olhar de percepção restrita e coagida conceitualmente que impõe uma visão fixa e predestinada de superioridade e dominação masculina, a Infra-resistência dos Sujeitos-Resistentes à opressão estrutural torna-se clara, evidente e real (mesmo sem a permissão ou legitimação do Rei).

Segundo a lógica da realidade hetero-patriarcal, depois de ser "presa (...) em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência" (LISPECTOR, [1960] 1996, p. 186), a Galinha estaria fadada a morrer uma morte solitária e sem sentido, apesar de suas ações (1. de botar um ovo e 2. ter tentado uma fuga).

Ambas as ações teriam passado despercebidas e teriam sido suprimidas na realidade do mundo hetero-patriarcal, se não tivessem sido ressignificadas por outras mulheres na história, que lhes atribuíram um novo sentido de resistência à dominação:

Primeiro, a ação de resistência da Galinha foi sabotada pela empregada – cuja própria condição subalterna de mulher de classe trabalhadora exigia que ela colaborasse com a lógica e a estrutura de dominação de sua própria classe e denunciasse a tentativa de fuga da Galinha; mais tarde, porém, salva pela menina, que aparentemente intuindo uma semelhança entre a situação da Galinha e as possibilidades que seu próprio futuro no mundo hetero-patriarcal ofereceriam, protesta e convence sua mãe a poupar a Galinha e, por fim, adotam-na como animal de estimação. (PEIXOTO, 1994, p. 36)

Ainda assim, poderia se argumentar – como argumentou Peixoto – que esse tipo de resistência e coalisão tem uma expectativa de duração precária e provisória, uma vez que, no fim da história, a Galinha acaba morrendo e nada, realmente, mudou: “Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos” (LISPECTOR, [1960] 1996, p. 187).

Entretanto, se tomarmos em consideração aquilo que todos os heróis da liberdade entendem como lema de vida – que a morte é uma parte natural, inevitável da vida e um fato distinto do assassinato, que é uma arma usada pelos poderosos como instrumento de terror para sufocar qualquer possibilidade de rebelião e resistência à dominação –, então, para avaliar o grau de sucesso de uma ação de resistência, não se deve tomar como medida o fato de o agente de transformação ter sido abatido em combate, mas o ideal de justiça pelo qual ele/a morreu lutando.

Como, sabiamente, apontou a poetisa Lésbica Afro-estadunidense, Audre Lorde:

o que é importante ... deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo correndo o risco de ser machucado ... Forçada a tornar-me consciente de minha mortalidade, e de tudo que eu quis e desejei para minha vida, por mais curta que fosse, as prioridades e omissões se tornaram fortemente visíveis sob uma luz impiedosa, e o

que eu mais lamentei foram meus silêncios. Do que eu sempre tive medo? Questionar ou dizer aquilo que eu acreditava poderia significar dor ou até morte. Mas todos nós sofremos de tantas maneiras diferentes, o tempo todo, e a dor sempre muda ou acaba. A morte, por outro lado, é o silêncio final. E isso pode estar chegando rápido, sem levar em consideração o fato de eu ter falado ou não o que precisava ser dito [...]. Passei, então, a reconhecer uma fonte de poder dentro de mim mesma que vem do conhecimento de que, embora seja desejável não ter medo, a possibilidade de aprender a colocar o medo em perspectiva me deu uma grande força. Eu ia morrer, mais cedo ou mais tarde [...]. [No entanto,] nessa guerra, em que estamos todos travando com as forças da morte, sutis ou não, conscientes ou não – eu não sou apenas uma vítima, sou, também, uma grande guerreira (LORDE, 1984, pp. 40-41).

É relevante observar que, antes de morrer, a Galinha viveu uma vida boa de resistência:

A galinha tornara-se a rainha da casa. (...) Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícius da grande fulga (...) Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar (LISPECTOR, [1960] 1996, p. 187).

Assim como em “O Crime do Professor de Matemática”, no final de “Uma Galinha”, a morte da protagonista (a Outra-animal-fêmea) assume uma presença espectral simbólica maior do que a vida, que ecoa um grito silencioso/silenciado e acusatório de protesto.

Mesmo após a morte brutal do indivíduo, o assassinato da heroína liminar estabelece um ponto de rompimento com a longa tradição de passividade imposta por um sistema de opressão estrutural e, assim, marca o começo de uma era nova de resistência.

No final da história, confrontado com a realidade e a banalidade de violência e covardia, o(a) leitor(a) é apresentado a uma possibilidade de resistência à opressão estrutural que não pode ser sufocada ou enterrada nos calabouços que alicerçam as instituições liberais democráticas contemporâneas, que apoiam a inclusão de um multiculturalismo ornamental que, na prática, não questiona ou modifica a estrutura de base organizacional do sistema.

Ao invés de sair discretamente pela porta dos fundos, a Galinha saiu de cena com um grande estrondo que abalou as estruturas do show de horrores e de opressão hetero-patriarcal. Sua morte não pode ser varrida para baixo do tapete da opressão estrutural como tantas outras.

O assassinato da Galinha fez dela uma mártir e estabeleceu um modelo de resistência à opressão estrutural a ser replicado, adaptado, e melhorado pelas gerações futuras de “sua espécie”, de “tantas [outras] galinhas, que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma galinha” (LISPECTOR, [1960] 1996, p. 186).

Conceptual Coercibility, Consciousness and the Possibility of Forming Networks of Resistance to Structural Oppression: The death of a chicken or the birth of a liminal heroine?

Abstract: It is an article that starts from the short story “Uma Galinha” by Clarice Lispector to think and discuss conceptual coercion, awareness and the possibility of resistance to structural oppression. The search for freedom of a chicken that flees in a “strange flight” is taken as a way to escape the domestic role, socially constructed and imposed on her by the patriarchal bonds (or knots) that hold women in rigid and subservient roles of femininity and maternal docility. In this sense, the article proposes that the first step for anyone interested in creating liberating possibilities and networks of connections between Resistant-Subjects would be to adopt a rupture with the values and limitations imposed by the processes of conceptual coercion of the matrix/logic/reality of oppression. heteronormative structure.

Keywords: Conceptual coercion. Awareness. Resistance. Clarice Lispector.

Referências

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história de violência nas prisões**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRYE, M. **The politics of reality**. New York: The Crossing Press, 1983.

HOAGLAND, S. L. **Lesbian ethics: toward new value**. Palo Alto, CA: Institute of Lesbian Studies, 1988.

LISPECTOR, C. Uma Galinha. In GALVÃO, W. (Org.) **Os melhores contos: Clarice Lispector**. São Paulo: Global Editora, 1995, p.185-187.

_____. **Água viva**. [1973] 1988. Rio de Janeiro: Rocco.

LORDE, A. **Sister Outsider**. The Crossing Press, 1984.

LUGONES, M. **Pilgrimages/Peregrinajes: Theozizing coalition against multiple oppressions**. São Paulo: Rowman & Littlefield Publishers Inc, Lanham, Maryland, 2003.